

Entrevista Henrique Magalhães

Por Fernando Passarelli



Antes da Internet, a produção independente tinha nos fanzines a sua chance de sucesso. Jornais, revistas e livretos eram feitos em folhas de sulfite, reproduzidos em copiadoras e trocados pelo correio. Só assim era possível conhecer autores que não tinham espaço nas grandes editoras. Naqueles anos, Henrique Magalhães era um fanzineiro respeitado pelo material que publicava – a revista em quadrinhos “Maria” e os fanzines “Nhô Quim” e “Marca de Fantasia”. Na faculdade, defendeu uma dissertação sobre fanzines e quadrinhos no Brasil e uma tese sobre fanzines da França e Portugal. Em 1995 fundou um editora independente dedicada aos quadrinhos e cultura pop. A “Marca de Fantasia” trabalha com esquema de produção artesanal, distribuição própria e pequenas tiragens. É um modelo de sucesso de uma empresa que não tem medo da grande concorrência. A seguir, Henrique ensina como fez isso acontecer.

DEUS NO GIBI – O catálogo de publicações da “Marca de Fantasia” traz quantos títulos?

HENRIQUE MAGALHÃES – Não tenho um número exato porque alguns títulos já se esgotaram, outros estão aguardando nova tiragem, outros, ainda, são revistas seriais que têm vários números. Eu diria que temos em torno de 80 títulos disponíveis no catálogo, no site da editora.

DEUS NO GIBI – Os autores que a “Marca de Fantasia” publica teriam outro espaço no mercado, outra forma de transformar seus projetos em realidade?

HENRIQUE MAGALHÃES – Teriam, se as editoras comerciais investissem ao menos um pouco em novos autores. Os trabalhos que publico são inovadores, o que limita o alcance do público, mas é preciso trabalhar com uma visão de futuro, na formação do público e no desenvolvimento da produção dos autores, o que os editores comerciais não estão dispostos a fazer.

DEUS NO GIBI – Como foi o começo do trabalho da editora e a negociação com distribuidoras? Houve algum tipo de dificuldade, pelo ineditismo dos autores e pelo gênero dos títulos?

HENRIQUE MAGALHÃES – A editora foi criada em 1995, quando estruturei um projeto editorial. Anteriormente eu lançava minhas próprias revistas e fanzines, o que me deu um certo domínio no modo de produção. Não trabalhamos com distribuidoras, nossa produção é divulgada pela internet, vendida diretamente aos leitores e enviada pelos Correios. Isso reduz o custo em quase 50% e me permite fazer pequenas tiragens progressivas. Foi uma estratégia para tornar o material mais acessível e poder diversificar e ampliar o número de títulos.

DEUS NO GIBI – Você desenvolve esse trabalho na Paraíba, longe do eixo São Paulo - Rio. Que desvantagens e vantagens você vê nessa localização?

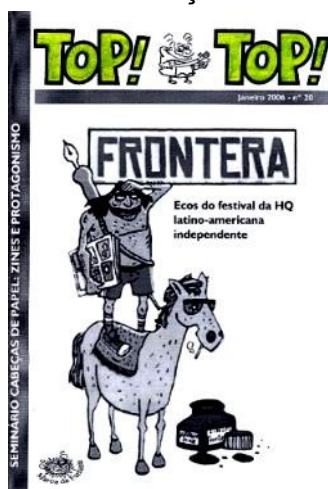
HENRIQUE MAGALHÃES – Hoje não é preciso migrar para os grandes centros para desenvolver seu trabalho artístico. A comunicação global nos abre portas inimagináveis há poucos anos. Sem sair da Paraíba, tenho contato com autores e leitores de várias partes do Brasil e até de outros países. Desenvolvo uma sólida amizade com alguns autores argentinos e franceses, além de uma relação pessoal muito estreita e afetuosa com os autores que publico. A única desvantagem de estar longe dos grandes centros é não poder participar dos eventos que se promove aí, como as exposições, palestras, premiações e o próprio contato direto com os amigos.



DEUS NO GIBI – A “Marca de Fantasia” é uma editora independente, sem fins lucrativos. Esse modelo é o mais próximo que imagino que deveria existir dentro das comunidades cristãs, para divulgação de seus ideais através de quadrinhos ou de uma literatura mais acessível aos jovens. Qual a fórmula mágica para se sobreviver dessa forma?

HENRIQUE MAGALHÃES – A fórmula mágica é o prazer em editar e fazer circular trabalhos tão interessantes como os dos novos autores. É isto o que me move a fazer um trabalho voluntário e sem interesses comerciais. O espírito comunitário pra mim é um valor incontornável. Se fossemos mais companheiros e desenvolvêssemos mais projetos juntos, certamente estaríamos num outro nível de civilidade. Esse trabalho só é possível porque tenho minha fonte de renda à parte. Sou professor da Universidade Federal da Paraíba e incluo a “Marca de Fantasia” como uma de minhas atividades de extensão. A viabilidade da editora se dá pela parceria entre editor, autores e leitores. Se não viso o lucro, ao menos os custos devem ser cobertos com as vendas, para que eu possa manter o ritmo de produção.

DEUS NO GIBI – Os seus fanzines sempre foram uma referência, pela qualidade. Naqueles anos dos fanzines havia um respeito maior pela produção cultural alheia. Parece muito distante do que vemos hoje com a Internet, com a proliferação dos "scans", o pirateamento de quadrinhos. Isso ameaça o trabalho de uma editora pequena, como a “Marca de Fantasia”?



HENRIQUE MAGALHÃES – Já tive um dos livros que editei completamente escaneado e disponibilizado na internet. Isso me surpreendeu, mas não me assustou. Esse trabalho de socialização do conhecimento e da cultura é um dado próprio de nossa era de comunicação globalizada. Não tem como impedir isso, por mais que a indústria cultural esbraveje contra. Os meios técnicos para se fazer as cópias estão à disposição de todos, então porque não aceitar que se partilhe tudo? Se fosse para impedir o que chamo de "partilhamento", e não de "pirataria", que não se criassem os meios. O contraditório é que a mesma indústria que cria os recursos para se fazer as cópias é a que tenta impedir que se copie. Eu mesmo já coloquei edições inteiras de meu fanzine “Top! Top!” na internet, em formato PDF. Não me importo que se veja o conteúdo do que edito. Mas se o leitor quiser a edição impressa, bem acabada, com capa colorida e plastificada, vai ter que comprar, pagando o custo de produção.

DEUS NO GIBI – Você também ajudou a criar uma Gibiteca. Que dica você daria para quem deseja montar uma, para divulgar os quadrinhos?

HENRIQUE MAGALHÃES – De início, ter uma boa coleção de gibis, diversificada em gênero, origem e cronologicamente. Mas se não tiver tudo isso, com algumas revistas já dá pra começar o acervo, que deve crescer com a colaboração dos leitores. Se o trabalho for bem estruturado, com uma boa sala e disponível ao público, há leitores que doam suas coleções com o intuito de socializá-las. Esse é mais um dado positivo de se abrir uma gibiteca, o de tornar público e acessível as preciosidades que se costuma guardar de forma egoísta. O resultado é gratificante. Nascem boas amizades e se geram conhecimento a partir da criação de uma gibiteca.

Conheça mais sobre a Marca de Fantasia no site www.marcadefantasia.com.br



www.deusnogibi.com.br